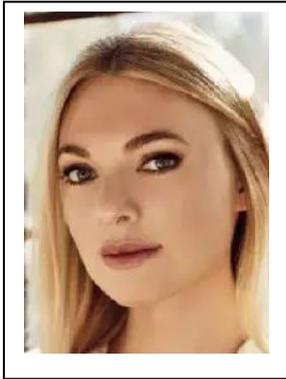


**[O contrário de nada]
[Tess Gunty]****[Tess Gunty] Biografia:**

Tess Gunty nasceu em 1993, em South Bend, Indiana, e vive em Los Angeles. Estudou Inglês e Escrita Criativa na University of Notre Dame e na New York University. O seu trabalho tem sido publicado em prestigiadas revistas literárias norte-americanas. O contrário de nada é o seu romance de estreia e foi distinguido em 2022 com o National Book Award, um dos mais relevantes prémios literários da atualidade. Tess Gunty tornou-se, assim, na mais jovem escritora a receber este galardão desde 1960, ano em que foi atribuído a Philip Roth. O contrário de nada recebeu também o Barnes and Noble Discover Prize e o VCU Cabell First Novelist Award, e foi finalista do National Book Critics Circle Award, do Mark Twain American Voice in Literature Award e do British Book Award for Debut Fiction. Incluído pela New Yorker na sua lista de doze Leituras Essenciais, este romance arrebatou ainda a distinção de Melhor Livro do Ano em meios de comunicação como The New York Times, TIME, Literary Hub, Chicago Tribune, Kirkus, NPR, Oprah Daily e People. Será publicado em cerca de quinze países.

Sinopse de [O contrário de nada]

«Faca, algodão, casco, lixívia, dor, pelo, beatitude: enquanto sai de si mesma, Blandine é tudo isto. É cada morador do seu prédio de apartamentos. É lixo e querubim, um chinelo no leito do oceano, o fato-macaco cor de laranja do pai, uma escova a passar pelo cabelo da mãe. [...] Um núcleo dentro do homem que lhe roubou o corpo quando ela tinha catorze anos, um par de óculos vermelhos na cara da sua bibliotecária preferida, um rabanete arrancado de um canteiro. Não é ninguém.»

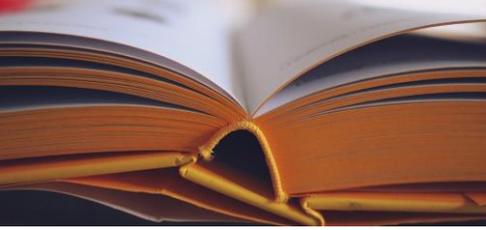
Eis Blandine, a magnética protagonista de uma história povoada de estranhas figuras: um redator de epitáfios online, uma jovem mãe com um segredo, uma mulher que trava sozinha a sua guerra contra roedores, um filho ingrato, três rapazes enfeitiçados pela mesma rapariga. A todos sucede alguma catástrofe, para quase todos está reservada uma promessa de libertação. São vizinhos, e vivem num complexo habitacional de baixo custo em Vacca Vale, cidade em decadência. É a partir deste lugar inóspito que Tess Gunty conduz o leitor numa invulgar viagem pelo desconcerto do espírito humano, pelas grandes doenças sociais e pelo alcance incomensurável da imaginação. Uma estreia literária arrebatadora, que inscreve Tess Gunty na linhagem do Grande Romance Americano.



Em Lisboa para o Meet the Author da FLAD, Tess Gunty falou ao DN do seu primeiro livro 'O Contrário de Nada' ('The Rabbit Hutch', no original). Uma conversa com a autora americana em que se falou de religião, do seu Indiana natal, de Biden e Trump e de coelhos, muitos coelhos.

O Contrário de Nada (Alfaguara) é o seu primeiro romance. Disse em entrevistas anteriores que estava a viver em Brooklyn, acabada de chegar do Midwest, a que pertence o seu Indiana natal, quando as personagens começaram a ir ter consigo. Foi assim que começou?

Eu escrevo ficção desde pequena. Mesmo antes de saber escrever, fazia umas ilustrações e contava a história ao meu pai que a escrevia. No entanto, nunca pensei em escrever algo passado numa cidade como a minha, porque nunca tinha lido nada passado numa cidade como a minha. Se acharmos que as narrativas que se passam à nossa volta e dentro de nós não são importantes, ficamos desinvestidos de vontade política e criativa. Então, quando finalmente deixei a minha terra natal aos 22 anos, percebi que quase toda a minha escrita era atraída de volta para o Midwest. E pensei: algo está a acontecer, tenho de compreender esta atração magnética. Então decidi enfrentá-la e criei Vacca Vale, uma versão fictícia de muitas destas cidades, que sofreram destinos semelhantes. Quando eu tinha 10 anos andava num colégio católico e tínhamos uma professora de religião que tinha uma interpretação muito literal dos ensinamentos católicos. Um dia ela introduziu-nos na ideia de Purgatório. Nunca tínhamos ouvido falar em tal. Conhecíamos o Céu, o Inferno. Mas ela descreveu o Purgatório como um terceiro local, de saudade eterna e sede insaciável. E explicou que se esperava ali eternamente. Na minha cabeça comecei logo a imaginá-lo como uma sala de espera sem janelas onde esperávamos sem saber se o nosso nome alguma vez seria chamado. Onde não estava mais ninguém, nem havia nada para ler. A professora fazia parecer que era muito fácil ir parar ali. Portanto, fez-nos decorar uma oração que ela garantia que libertava mil almas do Purgatório de cada vez que a disséssemos. Calculava no quadro quantas almas é que libertávamos cada dia e no fim do ano anunciou o grande total de almas que ela e as suas turmas tinham libertado. Isto para dizer que havia na forma como ela descrevia o Purgatório algo muito familiar para mim. E percebi: mas não vivemos já todos no Purgatório? Portanto, quando me sentei para escrever este romance, queria evocar essa sensação do Purgatório e criar uma espécie de oração secular que ajudasse a libertar todas as pessoas desse lugar.

**Colocar o Midwest e a sua cintura de ferro (a *Rust Belt*) no centro da sua escrita foi uma forma de fazer com que as pessoas entendam melhor a região dos EUA onde a Tess nasceu e cresceu?**

Sim, quando estou a escrever estou antes de mais a tentar perceber melhor as coisas eu própria. É verdade que o Midwest tem milhões de habitantes mas está sub-representado no imaginário coletivo americano e ainda mais no imaginário internacional da América. Então tentei prestar atenção ao que estava à minha frente, uma visão improvável de transcendência, e tentar ver se conseguia conjurar isso, mesmo num cenário tão mundano.

Eu sei que a aborrece que as pessoas descrevam o Midwest como um sítio de “homens brancos zangados que votam em Trump”. É uma simplificação injusta?

Sim. E essa atitude vem sobretudo dos políticos americanos. É uma região do país cujo perfil é muitas vezes traçado pelos políticos para calibrar as suas campanhas. Mas na verdade, o Indiana, o meu estado, é mais diverso do que a média dos EUA. Em parte isso deve-se a, depois da abolição da escravatura, muitas pessoas terem vindo para o Midwest porque se ganhava talvez três vezes mais dinheiro a trabalhar numa fábrica do que numa fazenda no Sul. Encontramos ali tantas ideologias diferentes, e diferentes desejos e anseios. Eu quis prestar tributo à complexidade e vastidão deste local.

Como descreveria o Indiana politicamente?

É complicado. Tecnicamente o Indiana é um *swing state*, ou seja pode pender tanto para os democratas como para os republicanos. Quando eu tinha 15 anos e estava a começar a despertar a minha consciência política, o Indiana votou Obama. Então fiquei com essa visão esperançosa. Mas desde então tornou-se cada vez mais conservador e radical. A minha cidade, por exemplo, ainda está muito dividida politicamente.

South Bend, certo?

South Bend. A cidade tem muita gente de fora que trabalha na universidade. E essas pessoas tendem a ser mais progressistas. As pessoas que vivem lá há gerações tendem a ser mais conservadoras. Portanto a cidade posiciona-se entre estes dois polos. O Indiana, como contém estes dois extremos, politicamente funcionou sempre como um pêndulo. Por exemplo, durante a Guerra Civil americana o Indiana era um estado do Norte, pertencia à União, tecnicamente. Mas a cultura no Indiana era muito diversa: na parte norte, de onde eu sou, junto ao Michigan, era mais próxima dos sentimentos nortistas, enquanto na zona sul, mais perto do Kentucky, era mais sulista. E talvez como reação contra a Guerra Civil, o Indiana teve algumas das leis mais racistas da América no seguimento da emancipação dos escravos. Foi o epicentro do ressurgimento do Ku Klux Klan nos anos 1920. Nessa altura um em cada três homens brancos nascidos no Indiana pertenceram ao KKK. Até havia um KKK para as crianças. Dominava completamente o estado. Mas ao mesmo tempo havia muitas pessoas a trabalhar a favor dos direitos cívicos. E ainda é o caso hoje. Os dois extremos existem e coexistem. Admiro muitos as pessoas que trabalham a favor de políticas progressivas em sítios como o Indiana - seja o aborto, a proteção ambiental, na luta contra a supremacia branca, porque são estas pessoas que têm de travar a luta. No entanto conheço muita gente que sempre viveu em cidades progressistas e que despreza estas regiões da América.

Nasceu e viveu a infância em South Bend, viveu na Califórnia e acaba de se mudar para Nova Iorque. Tendo contactado com um ambiente mais conservador e com dois ambientes muito liberais, como vê as presidenciais de novembro nos EUA? As divisões são tão extremas como as vemos do exterior?

Acho que estamos condenados. Acho que Donald Trump vai vencer. O que eu vejo neste momento é que a América não é uma verdadeira democracia, por causa do Colégio Eleitoral e

do Supremo Tribunal. Ao longo dos anos, os republicanos dominaram o sistema de forma a manipulá-lo a seu favor. Na minha vida, só por uma vez um presidente republicano venceu o voto popular, mas têm ocupado a Casa Branca alternadamente com os democratas. Portanto, acredito que este ressurgimento de políticas intolerantes, como o recuo no aborto, a atitude em relação à imigração, aos transsexuais, aos negros, o pânico moral no Sul com a proibição de livros, etc, acho que é uma minoria. Não é insignificante, mas é uma minoria. No que se refere ao aborto, tenho a certeza que a maioria dos americanos não apoia a decisão do Supremo. Este tribunal foi sempre muito mais conservador do que o povo americano. Se tivéssemos uma verdadeira democracia, um voto contaria como um voto, mas não é isso que acontece. E não estou a dizer que não há muita gente que genuinamente apoia Trump. Há. Mas não é a maioria. E essa é a única coisa a que me posso agarrar agora que me dá esperança. Não que eu acredite que o sistema político vai ser reformado tão cedo, mas quando penso que estas ideias não são as da maioria, sinto que posso continuar a viver na América.

Apesar de a América ser um país muito diverso, mesmo o seu Indiana, como dizia há pouco, temos dois homens brancos e velhos na corrida à Casa Branca...

Não sei como chegámos até aqui. O Partido Democrata tem feito um péssimo trabalho para se reorganizar. Mas também tem a ver com as próprias falhas do sistema democrático. Se sabe que no seu estado o seu voto não conta, porque estaria motivado para votar? As pessoas não estão envolvidas. O Partido Democrata tenta sempre jogar pelo seguro e isso não entusiasma as pessoas. Outro fator que contribui para isso são as redes sociais, os algoritmos que potenciam os conteúdos incendiários de certas plataformas. O mesmo nos media, também.



PAULO SP
RANGER/Global Imagens

Voltando ao seu livro. Falou já da sua infância e do catolicismo que a marcou. Foi importante colocar parte disso no seu livro? Por exemplo, vemos o misticismo de uma personagem como Blandine...

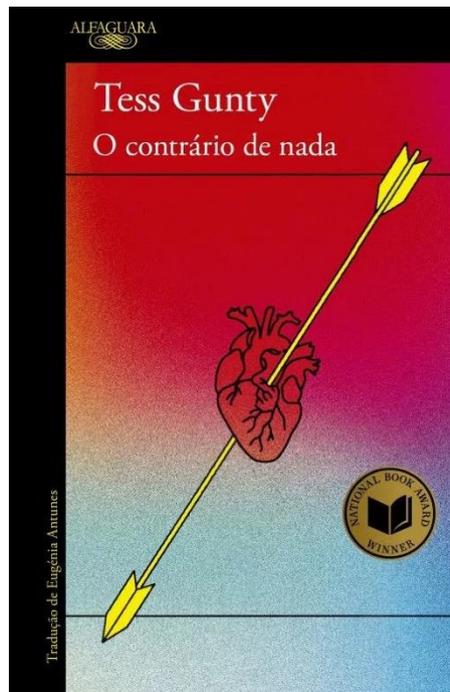
Na verdade fiquei surpreendida por aparecer no livro. Talvez por ter crescido muito, muito católica. A minha mãe esteve num convento quando estava na casa dos 20, mas foi expulsa porque nunca chegava a horas e falava demasiado alto. O meu pai chegou a pensar seriamente ser padre. Os meus pais são ambos democratas, o que não era raro mas hoje é cada vez mais. A minha mãe tem origem irlandesa, o meu pai tem origem alemã, ambos colarinhos azuis democratas e católicos, uma espécie de sindicalistas católicos. E o catolicismo da minha mãe é muito guiado pelo sobrenatural, sinais, milagres, visões. A minha mãe tem 11 irmãos e ela e as irmãs tiveram experiências... e essas experiências sempre foram interpretadas através de uma lente espiritual. Eu cresci com isso e foi como se isto criasse um portal para outro mundo, como se fosse possível entrar noutra reino. Eu sentia-me sobretudo atraída pelas histórias das místicas, por haver tão poucas mulheres na tradição católica com este tipo de arbítrio sobre as suas vidas. Era como se os homens à volta delas as temessem. Eram uma espécie de bruxas e isso atraía-me muito. Mas à medida que crescia, comecei a ganhar consciência dos problemas da Igreja Católica, o sexismo embutido no modelo e os abusos sexuais. Portanto, quando tinha 15 anos, passei a rejeitar fortemente o catolicismo. Estava desejosa de me afastar o mais rapidamente possível. Portanto fiquei surpreendida quando o catolicismo ressurgiu na minha escrita. E não o fez sob a forma de amargura ou ressentimento ou toxicidade. Acho que tal só foi possível porque eu ancorei isso numa personagem, Blandine, que não era religiosa, que não cresceu com isso, mas era plausível que tivesse encontrado essas histórias ou esse tipo de estrutura. Quis prestar homenagem ao reino da espiritualidade, que me encantava quando era criança. Às mulheres eram tantas vezes negado o acesso à educação ou a qualquer tipo de controlo sobre as suas vidas que os conventos se tornaram refúgios para elas ao longo dos tempos. Eram lugares de grande produção intelectual. E Hildegard von Bingen, que tanto cativa Blandine, era um grande exemplo disso. Ela era uma potência intelectual - além dos seus escritos místicos, era uma polímata.

O seu livro inclui comentários, desenhos. Incorporar estas formas diferentes de comunicação era importante para passar a mensagem que queria aos leitores?

Foi fundamental. A experiência deste romance consistiu fundamentalmente em tentar escolher locais improváveis de transcendência e ver o que poderia gerar dentro deles. E para mim as caixas de comentários são uma espécie de guilty pleasure. Nunca leria comentários sobre o meu trabalho, mas gosto de ler comentários sobre coisas que são inócuas para mim, como tutoriais de YouTube sobre como montar uma mesa ou culinária. São locais de humor e de crueldade. Mas o que é mais interessante para mim é que ali se revela o subconsciente coletivo. Como é que as pessoas escolhem comunicar quando não têm obrigação de se identificar? É como se fosse um confessor. No livro, a secção de comentários foi a solução para um problema porque eu queria mostrar o trabalho da personagem Joan [que rastreia os comentários online em obituários]. Tal como os desenhos também foram uma solução para um problema. Havia uma cena que eu estava a tentar descrever e que era caótica. Sempre que a tentava pôr em palavras eram exageradas, melodramáticas, confusas, desordenadas. Mas continuava a vê-la como uma tira de banda desenhada. Eu sabia que tinha um personagem que era ilustrador. Então falei ao meu irmão nesta ideia logo quando comecei a escrever. Ele é um artista maravilhoso e concordou em fazer os desenhos. Mas só os fez uns cinco anos depois, quando o livro foi editado. Fizemos muitas maquetes. E ele levou as coisas para outro nível - eu tinha pensado fazer uma interpretação literal da cena e ele sugeriu fazer uma interpretação figurativa, o que foi muito mais interessante. No fundo eu quis usar o que havia na vidas das minhas personagens e construir algo a partir daí.

Não posso deixar de falar sobre os coelhos. Há muitos coelhos no livro. Porquê?

A certa altura alguém contou e há mais de 80 menções a coelhos. O edifício onde se passa chama-se Lapinière. Era um termo francês antiquado que um doador quis usar para parecer chique. Eu via os coelhos em todo o lado. E sentia-me atraída para eles por causa do Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*. Pensava neles como portais para outro mundo. Mas também gostava de os coelhos evocarem associações conflitantes. Na imaginação americana, situam-se entre a inocência e a corrupção. Há o *Donnie Darko* e a *Playboy* e o Coelho da Páscoa. São animais de estimação, mas também podem ser comidas. E depois vi o documentário *Roger & Me*, de Michael Moore, sobre a sua terra natal, Flint, no Michigan, que é muito semelhante à minha mas que ainda sofreu mais por não ter lá outra indústria capaz de absorver o choque económico quando a indústria automóvel fechou. A certa altura Moore vê um cartaz à beira da estrada que diz “coelhos, animais de estimação ou carne”. Aproxima-se e encontra uma mulher que cria coelhos para ganhar a vida depois de perder o emprego. Uns, vende como animais de estimação, outros para carne. E então ela diz uma coisa que se tornou na epígrafe do livro que é que quando chegam a certa idade os machos que estão enjaulados juntos têm de ser mortos, senão começam a atacar-se uns aos outros. Pareceu-me a parábola perfeita para a violência horizontal. Acho que me deparei pela primeira vez com o termo “violência horizontal” no trabalho de Frantz Fanon, um teórico anti-colonial francês. Ele usou-o para descrever a raiva que grupos oprimidos dirigem contra o colonizador. Mas esta não atinge o colonizador porque ele está barricado na sua fortaleza de poder e proteção. Então a raiva tem de ir para algum lado. Quando pensei na violência e negligência que testemunhei no meu bairro, fosse um tiroteio, vícios, pais a serem detidos e os filhos a ficarem entregues a si próprios, os níveis de violência são astronomicamente mais altos na minha terra do que em média no Indiana. E os níveis no Indiana são astronomicamente maiores do que a média na América. Portanto, a violência horizontal e os coelhos enjaulados pareceram-me um resumo eficaz e evocativo desse tipo de violência.



O CONTRÁRIO DE NADA

Tess Gunty

Alfaguara, 424 páginas

Entrevista

Tess Gunty: 'Eu era uma criança quase assustadoramente devota'

Este artigo tem mais de 1 ano

[Hephzibah Anderson](#)

The Guardian Sábado, 16 de julho de 2022, 19h CEST



A autora nascida em Indiana sobre o cenário do Oeste no seu aclamado romance de estreia, o seu fascínio por coelhos e a poesia 'deslumbrante' de Tayi Tibble

[Tess Gunty](#) nasceu e cresceu em South Bend, Indiana. É a inspiração para Vacca Vale, o cenário pós-industrial do seu romance de estreia, *The Rabbit Hutch*, que acompanha os destinos entrelaçados de um elenco diversificado – incluindo um homem que pinta o seu corpo com o líquido de bastões luminosos quebrados e um adolescente de idade avançada fora do sistema de adoção que é obcecado por mulheres místicas – ao longo de um único verão. No seu centro está um conjunto habitacional de baixo custo cujo nome dá o título do romance. Inventivo, comovente e extremamente engraçado, *The Rabbit Hutch* já conta com Jonathan Safran Foer e [Raven Leilani](#) entre os seus fãs.

Como começou o romance?

Eu tinha acabado de sair do Oeste, era verão e morava em Brooklyn, passando o meu tempo no Prospect Park. Eu levava apenas um caderno e alguns livros e nada eletrônicos, e quase todos os personagens vieram até mim. Estava tão quente que às vezes penso que eram alucinações de calor. Eles chegaram com nada além de suas qualidades mais extremas e, portanto, a tarefa de cinco anos que tinha pela frente era tornar esses comportamentos excêntricos não apenas críveis, mas inevitáveis nessas pessoas.

O que fez você querer escrever sobre o Oeste americano?

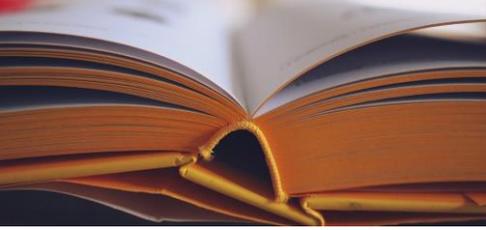
Tenho escrito ficção de forma bastante obsessiva desde criança e, quando era jovem, pensei que a ausência do cinturão de ferrugem na ficção era um bom motivo para nunca colocar o meu trabalho ali. Sempre o coloco em alguma terra imaginária ou cidade onde já estive. Então, aos 20 e poucos anos, comecei a perceber que a ausência do cinturão de ferrugem na ficção era um bom motivo para definir algo ali.

O que é que o resto do mundo erra sobre o Oeste?

Uma das coisas que me frustra é que os políticos parecem tratar o Centro-Oeste, especialmente o cinturão da ferrugem, como se fosse o lar de apenas um tipo de eleitor com dor e raiva, que é facilmente explorado, e esse eleitor geralmente tem o perfil de ser um trabalhador, homem branco de classe alta que votou em Trump. Na verdade, o cinturão da ferrugem é extremamente diversificado; é muito mais diversificado do que a média dos EUA, e há muitas ideologias diferentes lá. É um lugar vasto e misterioso.

Há uma linha de catolicismo percorrendo o romance. Você foi criada como católica?

Sim, eu era uma criança quase assustadoramente devota. O tipo de catolicismo que minha mãe pratica é muito



sobrenatural, de sinais e maravilhas, e a sua abordagem à religião era para mim inseparável da minha crença na magia, nas fadas e no Pai Natal, por isso fez o mundo parecer muito mais emocionante. Sempre houve essa ponte que se poderia cruzar para outro reino.

E agora?

Quando eu tinha 15 anos, comecei a rejeitá-lo veementemente, e meu ponto de entrada nessa rejeição foi uma consciência crescente da estrutura patriarcal e, depois, de todos os escândalos de abuso. Eu queria afastar-me o mais possível da Igreja Católica, por isso fiquei muito surpreendida ao ver a presença do catolicismo no meu trabalho, especialmente porque não estava associado a tanta amargura e ressentimento como eu esperava.

Você é capaz de capturar personagens inteiros por meio de pequenas listas de características. Como se resumiria?

Suponho que começaria com as idiossincrasias e as aberrações. Tenho que andar de um lado para o outro quando estou ao telefone; Acho que o chocolate é superestimado; e pensei que seria um místico quando era criança.

Há muitos coelhos neste romance. Você teve um coelho de estimação quando criança?

Sim. O nome dela era Elizabeth e ela era preta e branca e eu a amava muito. Os coelhos evocam tantas associações conflitantes: *Playboy* e *Donnie Darko*, shows de magia e o coelhinho da Páscoa. Eles são comestíveis, mas também são animais de estimação – não temos muitos animais assim. Fui atraído por eles para este romance porque me deram a oportunidade de pensar sobre predadores e presas, e também de pensar neles como portais para outros mundos, da mesma forma que o Coelho Branco é em *Alice no País das Maravilhas*.

Você cita *Roger & Me*, de Michael Moore, como epigrama.

O documentário em geral eu simplesmente adorei, mas ele encontra uma mulher que vende coelhos – dezenas e dezenas em uma gaiola – e ela tem uma frase sobre como é preciso castrar os machos, senão eles atacam uns aos outros. Essa imagem nunca saiu da minha cabeça. Parecia resumir perfeitamente o tipo de armadilha que eu estava tentando capturar no livro, a forma como a violência estrutural cria violência interpessoal. O que esses coelhos queriam se livrar era da gaiola, mas eles estavam atacando uns aos outros.

A crise climática alimenta a ansiedade de fundo no romance. Você poderia imaginar escrever um romance em que isso não aparecesse?

Penso que é uma força tão omnipresente e aterradora que, mesmo que eu estivesse a escrever ficção histórica, provavelmente encontraria uma forma de entrar. Os humanos sempre foram bastante catastróficos para as suas paisagens – pelo menos as forças coloniais certamente o fizeram.

Que livros estão na sua mesa de cabeceira?

Acabei de começar a ler *Under a White Sky*, de [Elizabeth Kolbert](#). Sua batida é uma catástrofe ambiental, então é realmente uma leitura terrível para dormir. E também tenho uma coleção de poemas de um autor indígena da Nova Zelândia, Tayi Tibble, chamada *Poūkahangatus*. Já li alguns e são deslumbrantes. Para ficção, comecei a ler *A Síndrome da Taiga*, de Cristina Rivera Garza. É uma espécie de novela policial, mas até agora mais uma meditação sobre a descoberta em si. É realmente bom.

Quais romancistas que trabalham hoje você mais admira?

A maioria dos meus escritores contemporâneos favoritos não são estritamente romancistas, mas duas romancistas que realmente admiro são [Zadie Smith](#), só porque ela se oferece um desafio completamente novo a cada livro que escreve e está constantemente refinando seu pensamento, e [Yuri Herrera](#), que é um Escritor mexicano, e tudo que li dele é simplesmente perfeito.

Qual foi o último grande livro que você leu?

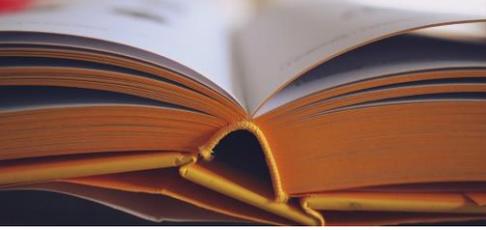
Uma coleção de poesia chamada *Factory Girls*, de Takako Arai. Ela é japonesa e cresceu em uma fábrica de tecelagem de seda. É sobre a brutalidade do industrialismo e é de tirar o fôlego.

Você lê muita poesia?

É a coisa que mais me atrai. A poesia contemporânea neste momento é tão emocionante, e é o trabalho que sempre me dá vontade de escrever.

O que você planeia ler a seguir?

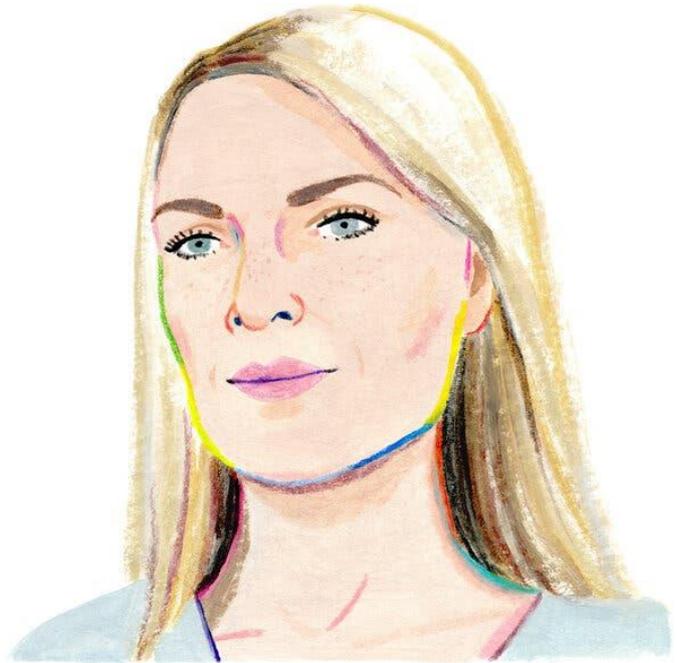
Something Deeply Hidden, um livro de um físico teórico chamado Sean Carroll. Ele está abordando questões que são fundamentais para a física quântica, e toda vez que aprendo algo sobre esse mundo, penso: “Por que isso não é uma notícia de última hora? Todos nós deveríamos estar falando sobre isso!”



THE NEW YORK TIMES | PELO LIVRO

Três livros que deixam Tess Gunty irritada

“Tantos vêm à mente”, diz a autora, cujo romance “The Rabbit Hutch” ganhou o National Book Award no ano passado e será lançado este mês. “Acho que muitas vezes fico furiosa”



Crédito...Rebeca Clarke

Que livros estão na sua mesa de cabeceira?

Incluirei apenas aqueles que estou lendo ativamente, caso contrário esta lista ficará confusa: uma coleção de contos de fadas russos ilustrados por Ivan Bilibin e com curadoria de Gillian Avery; “Primitivo e Outros Tempos”, de Olga Tokarczuk; “O Problema do Alinhamento”, de Brian Christian; “Leonora Carrington: Surrealismo, Alquimia e Arte”, de Susan L. Aberth; “Biografia de X”, de Catherine Lacey; “Estranhos para nós mesmos”, de Rachel Aviv; “Temporada de Furacões”, de Fernanda Melchor; “O Livro Pinguim do Poema em Prosa”; e “Pobreza, pela América”, de Matthew Desmond.

Qual foi o último grande livro que leu?

Na maioria das vezes sou movida pela poesia, por isso vou citar algumas coleções que adorei nos últimos tempos. “Um Livro de Areia”, de Ariana Reines; “Phantompains”, de Therese Estacion; “Bons Meninos”, de Megan Fernandes; “Poemas Seleccionados de Frank O’Hara”, de Knopf, editado por Mark Ford; e um manuscrito da minha brilhante amiga Laura Cresté, cujo título provisório é “Gentle or Not”. Ela está atualmente na revisão e prepara a submissão. É um presente para o mundo.

Qual é o seu livro favorito do qual ninguém mais ouviu falar?

Não tenho uma boa noção do que se ouve ou não; sou conhecida por enviar mensagens de texto aos amigos com seriedade: *Você já ouviu falar desse cineasta underground chamado Michael Moore? Que tal esse álbum de 1967 de Leonard Cohen??* Não conseguia lembrar quem era Bill Murray outro dia. Ao mesmo tempo, muitas vezes presumo erroneamente que os poetas contemporâneos são nomes conhecidos. Estou fora do circuito. Mas um escritor que eu adoraria ver eternamente celebrado na América é Yuri Herrera. As suas novelas são sublimes.

Que escritores – romancistas, dramaturgos, críticos, jornalistas, poetas – que trabalham hoje consigo, mais admira?

Uma lista incompleta: Claudia Rankine, Anne Carson, Maggie Nelson, Yuri Herrera, Zadie Smith, Diane Williams, Valeria Luiselli, Olga Tokarczuk, Rachel Kushner, Elena Ferrante, Ben Lerner, Carmen Maria Machado, Joy Williams, Hanif Abdurraqib, Nuar Alsadir, Robin Coste Lewis, Natalie Diaz, Ocean Vuong, Sharon Olds, Morgan Parker, Tommy Pico, Terrance Hayes, Ada Limón, Tracy K. Smith, Annie Baker, Amy Herzog, Paula Vogel, Svetlana Alexievich, Rachel Aviv, Ed Yong, Matthew Desmond, Alexandra Kleeman, Susan Choi, Chris Ware, Tommy Orange, Javier Zamora, Jenny Offill, Annie Ernaux, Anne Enright, Lydia Davis, Raven Leilani, Mark Z. Danielewski, Jennifer Egan, George Saunders. Não acredito que posso compartilhar um período de tempo com todas essas pessoas.

Qual foi o último livro que você leu que te fez chorar?

“Chamando um Lobo de Lobo”, de Kaveh Akbar, especificamente o penúltimo poema: “Não vou mentir nesta praga de gratidão”. Akbar transforma a dor em beleza, linha após linha, mas foi uma evocação inesperada de esperança que me fez chorar. Neste poema, o orador fica impressionado com uma recém-descoberta “praga de gratidão”. O palestrante diz: “Há pouco tempo eu era difícil de até/abraçar... tive que aprender a amar as pessoas uma de cada vez/cantando *ei, diddle, diddle, você vai me sofrer/um pouco ...* agora estou alegre/e Germânico como uma gaveta cheia de strudel.” Akbar descreve um pequeno santuário psicológico – um alívio, permanente ou passageiro, de tudo o que tem assombrado o orador até agora. O poema me mergulhou naquele primeiro lampejo milagroso de esperança que você desfruta depois de uma longa tempestade de química cerebral ruim. O momento em que você lembra que pode ser agradável simplesmente existir.

O último livro que te deixou furioso?

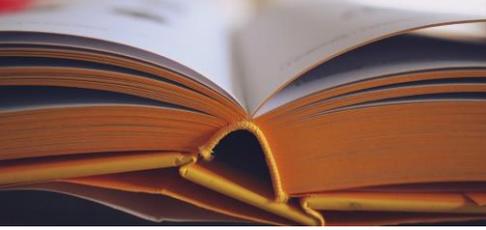
Muitos vêm à mente. Acho que muitas vezes fico furiosa. Atualmente estou a ler três obras de não ficção impecavelmente pesquisadas que informam preocupações anteriormente amorfas. “Poverty, by America”, de Matthew Desmond, investiga a pobreza estruturalmente projetada. Um dos muitos factos memoráveis que este livro descreve é que a América gasta duas vezes mais em benefícios fiscais para a classe alta do que na defesa nacional. “Império da Dor”, de Patrick Radden Keefe, me deixa furiosa com a família Sackler, é claro, mas de maneira mais geral sobre o quão vulneráveis os sistemas de saúde e farmacêuticos americanos são aos maus atores - pior, o capitalismo mal regulamentado incentiva os maus atores a causar danos. “The Alignment Problem”, de Brian Christian, me deixa furiosa com os garotos míopes da tecnologia que atualmente buscam a imortalidade e o domínio divino, tentando invocar a ameaça existencial da inteligência artificial geral para o mundo. São facilitadas pela ausência de restrições legais e pela desculpa primordial de que se Nós não o fizemos primeiro, Eles o farão.

Que livro as pessoas podem se surpreender ao encontrar em suas estantes?

A minha família sempre fica chocada com a quantidade de livros sobre neurociência e física quântica que acumulei. Eles gostam de me lembrar que sou péssima a ciências. Provavelmente o mais surpreendente é que ainda tenho a ilusão de que algum dia lerei todas as 1.500 páginas de “The Matter With Things”, de Iain McGilchrist – uma mistura de neurociência, metafísica e epistemologia sobre os hemisférios do cérebro e a natureza do cérebro e consciência. Acho que se começa a levitar assim que se termina.

Qual o melhor livro que já recebeu de presente?

Quando me formei na faculdade, meu bom amigo Alex me deu um lindo exemplar, com encadernação profissional, da novela que escrevi para minha tese. Ele até conseguiu um amigo em comum para divulgar isso. A novela em si é uma catástrofe – uma história confusa sobre quatro personagens de séculos diferentes, sobrecarregados com uma narração onisciente compartilhada, que se encontram em um Purgatório que lembra a Indiana pós-industrial. Eventualmente, ele entra em colapso no caos metaficcional. Por mais falho que



seja o projeto, eu havia transferido meu espírito de 21 anos para suas páginas, e Alex sabia que se eu pudesse segurar uma cópia encadernada em couro desse esforço em minhas mãos, se eu pudesse ver meu nome gravado em ouro na lombada, algum abismo psicológico entre a vida que eu tinha e a vida que eu queria começaria a se fechar. Durante anos, enquanto enviava minha ficção e acumulava rejeições, perdendo a fé de que algum dia publicaria, eu vislumbrava este livro em minha estante, e sua presença me alimentava. Continua sendo um dos presentes mais queridos que já recebi.

Imagine que organiza um jantar literário. Que três escritores, vivos ou mortos, convidaria?

Dante Alighieri, Hildegard von Bingen e Anne Carson. Prefiro vê-los jantar juntos do que participar; eu teria um ataque de pânico se tivesse que moderar aquela conversa ou cozinhar comida para eles. Mas tenho a sensação de que seria um jantar muito tranquilo, mesmo que todos falassem a mesma língua. Posso vê-los fatiando aspargos elegantemente em seus pratos, bebedores abstêmios submersos nas profundezas de seus intelectos turbulentos. Mas então cada um deles escreveria uma obra-prima sobre isso.

O que planeia ler a seguir?

“As histórias completas de Leonora Carrington.” Como tantas mulheres do movimento surrealista, Carrington nunca recebeu o reconhecimento global que os seus homólogos masculinos (como o seu ex, Max Ernst), apesar de ela ser brilhante. Menos escrava de Freud, mas igualmente interessada no subconsciente. Ela não tenta competir com Dalí e, durante a maior parte de sua vida, foi suficientemente ignorada pelo mercado para, por sua vez, ignorar o mercado. Ela é folclórica, sobrenatural e gratuita. Eu estava a estudar um livro com as suas pinturas recentemente, novamente encantado por elas, e então lembrei-me que havia comprado essa coleção de histórias dela do Projeto Dorothy anos atrás, antes de saber quem era Carrington. Também gostaria de ler “Caliban e a Bruxa”, de Silvia Federici. Acho que eles combinariam bem.

Tess Gunty em "The Rabbit Hutch" e a colaboração entre leitor e escritor

Por **Roberto Costa**

13 de agosto de 2023/10h21 EDT / CBS Notícias

Há sessenta anos, South Bend, Indiana, ofereceu à América uma antevisão do que estava para vir no coração industrial. O fechamento da fábrica de automóveis Studebaker no Natal de 1963 prenunciou o declínio iminente da indústria americana e a dizimação das cidades do Oeste. Sete mil pessoas ficaram sem trabalho, numa cidade de 130 mil habitantes.

E embora South Bend tenha recuperado até certo ponto nos anos seguintes, o legado de seis décadas de abandono está sempre presente. E agora, o legado de declínio de South Bend tornou-se a inspiração improvável para um premiado romance de estreia da autora Tess Gunty, de 30 anos.

"Nasci 30 anos depois do fecho da Studebaker", disse ela. "Acho que o tipo de consequências do declínio económico tornou-se extremamente pessoal. Está ancorado nos corações pulsantes daqueles que conhecemos e amamos."

Gunty, natural de South Bend, mostrou a Costa o bairro onde passou os primeiros cinco anos da sua vida: "Aparentemente os anos de maior formação segundo psicólogos!" ela riu.



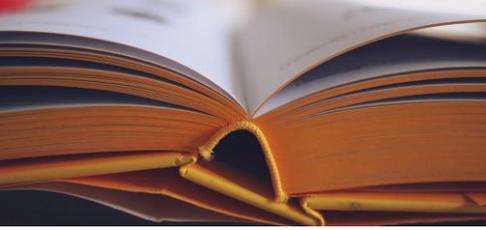
A romancista Tess Gunty, com Robert Costa da CBS News, em South Bend., Ind. NOTÍCIAS DA CBS

Gunty criou personagens nos arredores de uma cidade fictícia, baseada na sua cidade natal. O livro chama-se "The Rabbit Hutch", em homenagem ao prédio pobre que abriga a protagonista da história, Blandine Watkins.

Quando questionada se Gunty era Watkins, ela respondeu: "Não e sim. Sou Blandine na medida em que sou todos os personagens deste livro. Não acho que se possa escrever sem colocar muito de sua experiência emocional em cada personagem. Posso não saber o que é ter um filho, mas sei o que é sentir medo e sei o que é sentir-se fora de controle."

O livro segue Blandine e as suas colegas de quarto, jovens adultas que saíram do sistema de adoção sem ter encontrado uma família "para sempre".

Embora ela escreva sobre órfãos, a experiência de Gunty foi diferente: "Tive muita sorte. Recebi o amor incondicional da minha família durante toda a minha vida. Quando pensei nesta cidade como um lugar essencialmente órfão, era importante para entrar na psicologia de personagens que foram verdadeiramente abandonados."



Filho de académicos cuja criatividade superava a sua renda, desde cedo Gunty desenvolveu um olhar para detalhes que remetem à classe e ao status.

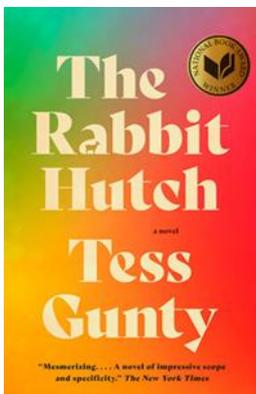


Tess Gunty, autora de "A gaiola do coelho". NOTÍCIAS DA CBS

Costa disse: "Você escreve de uma forma engraçada e contundente sobre a nova aristocracia nos subúrbios da América, onde todos cheiram a lençóis secos; eles usam equipamentos para atividades ao ar livre destinados a escalar montanhas, mas estão nos subúrbios de Indiana."

"Bem, isso foi algo que experimentei pessoalmente", disse ela. "Quando fui para o secundário, recebíamos mensalidades gratuitas numa escola católica, e assim a minha família pôde frequentar esta escola que provavelmente não poderíamos pagar de outra forma. Esta foi a primeira vez que realmente entendi a relatividade da minha própria posição económica. Podemos ter passado por momentos difíceis financeiramente, mas sempre tivemos o que precisávamos. E isso não era verdade para meus amigos, na minha vizinhança havia negligência e pobreza."

No ano passado, "The Rabbit Hutch" ganhou o National Book Award de ficção, tornando Tess Gunty a mais jovem vencedora desde o lendário romancista Philip Roth em 1960. O prémio colocou Gunty no mapa num momento em que as vendas de ficção literária estão em declínio acentuado, a proibição de livros é galopante e alguns declaram obsoleto o curso universitário de inglês.



Mas Gunty é uma defensora apaixonada do seu ofício. Ela disse: "O livro é uma colaboração entre o leitor e o escritor. É uma colaboração imaginativa. Não é uma relação entre um consumidor e um produto; é algo mais livremente assumido (e, para mim, sagrado) do que isso."

Costa perguntou: "Alguns de seus amigos dizem que ser romancista é antiquado?"

"Sim, às vezes sou tratada como se fosse um ferreiro ou algo assim. Eles ficam tipo, 'Uau, eu não sabia que conseguias fazer isso!'"

Embora Gunty saiba que um romance literário pode ser um lugar improvável para abordar as questões económicas e políticas dos nossos tempos, a sua escrita vibra com um certo tipo de ambição, tanto como um talento emergente como como uma voz para o povo de Indiana.

"O slogan do Estado é que ele é a encruzilhada da América", disse ela. "E por muito tempo não entendi o que isso significava. Mas agora penso nisso como um lugar onde todas as contradições da América estão muito vivas e lutam ativamente entre si, que Indiana é um lugar monolítico com um conjunto de ideais e um grupo demográfico. É um lugar vasto, variado e misterioso."